

E Agora, Europa?

por Mário Soares

A vitória impressionante de Barack Obama teve – e terá – repercussões mundiais. Os europeus, de todos os Estados membros, que foram esmagadoramente em favor de Obama, vão tirar, necessariamente, as consequências dessa histórica vitória, que vai ter considerável influência no futuro da União.

Não nos deixemos enganar. Nos últimos anos a maioria dos dirigentes políticos europeus deixou-se “colonizar” pelo “pensamento único” americano, de tipo neo-liberal, que a Administração Bush tentou impor. Mesmo nos sectores socialistas e democratas cristãos, que tinham raízes ideológicas muito diferentes. O que foi a chamada “terceira via” – inventada por Giddens e por Tony Blair – senão a rendição, sem condições, ao capitalismo financeiro-especulativo que soprava forte no mundo anglo-saxão?

E não será que o pensamento democrata cristão, influenciado pela doutrina social da Igreja, também se deixou contaminar pelo neo-liberalismo, prégado e seguido do outro lado do Atlântico? Tanto que alguns partidos democratas cristãos, julgaram necessário transformar-se em partidos populares? Como sucedeu em Espanha, em Portugal e mesmo em Itália?

A União Europeia está em crise, institucionalmente paralisada. Ninguém sabe se vai conseguir ratificar o Tratado de Lisboa, até ao fim do ano, como estava previsto. Aliás, após a vitória de Obama, passou a ser, aos olhos dos europeus, demasiado neo-liberal, para a opinião pública europeia actual. O texto do Tratado está cheio de concessões e de contradições, de uma época que inexoravelmente passou. Ora “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, como dizia Camões...

Os dirigentes socialistas – que ainda se consideram como tal – e os democratas cristãos, que ainda não se crismaram em “populares” – as duas grandes famílias ideológicas que mais contribuíram para construir a Europa – vão ter de dar uma enorme guinada à Esquerda, recriar um novo relacionamento com o mundo do trabalho, com os sindicatos, com os verdes e com os movimentos sociais, de toda a natureza, renovar-se e repensar os seus comportamentos. Sem perda de tempo.

As novas gerações vão deixar de ser tecnocratas, yuppies e deixar de dizer com superioridade “é a economia, estúpido”. Deixou de ser. Está à vista de todos. Por causa da crise, em que o pensamento económico dominante falhou estrondosamente – perante o silêncio cúmplice dos economistas de serviço – e por causa da juventude americana que tanto contribuiu para a vitória de Obama e se mobilizou em torno de um político, que teve a coragem de denunciar o sistema, de falar verdade e de afirmar que a mudança era possível e a esperança num mundo melhor, para todos. Yes we can! E foi!

A União Europeia, para ser uma força internacional de primeiro plano, vai ter de mudar. As novas gerações vão-no exigir. E novos dirigentes políticos. Perante a crise geral do capitalismo financeiro e especulativo - e agora da economia real - sem que os responsáveis, lançassem a tempo o mínimo aviso, é caso para dizer: "É a política, estúpido!"

Perante a renovação total das elites políticas - e económicas - americanas, consequência da "revolução pacífica" a que o Mundo acaba de assistir, não se pense que os rostos da política europeia - sobretudo os mais marcados por antigas cumplicidades - vão permanecer os mesmos, só porque mudam ou vão mudar de discurso...

O fenómeno novo da cidadania global - de que tanto tenho falado nos meus artigos - foi quem preparou na América a grande viragem, a que Barack Obama, com o seu carisma deu voz e expressão. Essa cidadania global está a manifestar-se por toda a parte.

Os socialistas, no poder ou na Oposição, que repensem os seus programas e se abram aos novos ventos da história, com a audácia, com grande sentido social e das questões ambientais. É o momento!

Lisboa, 13 de Novembro de 2008